Opinião Socialista

PSTU

ANO XII - EDIÇÃO 355 - COLABORAÇÃO: R$ 2 - DE 25/09 A 01/10/2008 - WWW.PSTU.ORG.BR

A CRISE ESTÁ CHEGANDO

Existe a possibilidade de uma crise como a de 1929?

Como o Brasil vai ser afetado?

BOLÍVIA: EVO FAZ ACORDO COM ULTRADIREITA

PÁGINA 9

O SURGIMENTO DO TROTSKISMO MORENISTA NO BRASIL

PÁGINAS 10 E 11

ACOMPANHE AS NOTÍCIAS DA CAMPANHA ELEITORAL DO PSTU

PÁGINA 12

DESVIO – O governo estude liberar o uso do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) para compra de ações da Petrobras e investir no pré-sal.

AUMENTO – O número de hospitais administrados por planos de saúde aumentou 66% nos últimos dois anos no Brasil. O crescimento é motivado pelo descaso com a saúde pública

NA LINHA DE FOGO

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a polícia brasileira é a maior responsável pelos quase 50 mil homicídios que acontecem no país anualmente. Conforme o documento produzido pelo relator da ONU sobre execuções extrajudiciais, Philip Alston, as mortes acontecem com os policiais em serviço, fora do serviço, integrando esquadrões da morte ou milícias, além de participações em mortes de internos nas prisões.

CHARGE / LATUFF

PÉROLA

Que crise? Vai perguntar para o Bush

PRESIDENTE LULA, ao ser questionado sobre o impacto da crise financeira norte-americana no Brasil (*O Estado de S.Paulo, 22/09/2008*)

PELO RALO

A crise do mercado financeiro nos últimos meses, em razão da crise no sistema financeiro internacional, já levou embora das bolsas mundiais quase US$ 16 trilhões desde 23 de julho de 2007, quando o problema começou a se agravar nos EUA, até a última quinta-feira. Somente a bolsa brasileira perdeu aproximadamente US$ 295 bilhões (R$ 540 bilhões).Os dados foram calculados pela Bloomberg.

'LONGE DO FIM'

Essa é a opinião do mega-especulador George Soros em entrevista à BBC sobre a crise financeira que destruiu os mais poderosos bancos norte-americanos. Apesar de o governo Bush injetar mais de 1 trilhão de dólares, Soros concluiu: "Temo que não tenhamos saído da tempestade financeira, que de algum modo continuamos nos dirigindo para a tempestade, ao invés de nos afastarmos".

'É SÓ O COMEÇO'

Essa foi a opinião do Nobel de economia Joseph Stiglitz sobre a atual crise econômica e a intervenção do tesouro dos EUA no socorro às instituições quebradas. Stiglitz afirmou que a crise está só começando, que o socorro não ataca o problema central e que há uma "possibilidade significativa de recessão nos próximos semestres". O economista avalia que a guerra contribuiu para o enfraquecimento da economia. "Em 2008-2009 está previsto que tenhamos o maior déficit fiscal de nossa história. A guerra também contribuiu para a alta do preço do petróleo. Drenamos nossa economia para comprar petróleo", disse.

SEM HOMENAGEM

Depois de vinte anos do assassinato do líder seringueiro Chico Mendes, símbolo da defesa da Amazônia, a área de conservação federal que leva seu nome teve um crescimento do desmatamento de 11 vezes. O desmatamento alcança 6,3% da área total, segundo o Sipam (Sistema de Proteção da Amazônia). Além disso, a criação de gado também avançou. Hoje existem pelo menos 10 mil cabeças na região. Decepcionado, o único fiscal da reserva – cujo território é de seis vezes o tamanho de São Paulo - desabafou: "sou o homem de um milhão de hectares".

ASSINE O OPINIÃO SOCIALISTA SEMANAL

assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas

NOME: ____________
CPF: ____________
ENDEREÇO: ____________
BAIRRO: ____________
CIDADE: ________ UF: ____ CEP: ________
TELEFONE: ________ E-MAIL: ________

○ DESEJO RECEBER INFORMAÇÕES DO PSTU EM MEU E-MAIL

MENSAL COM RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA

☐ MÍNIMO (R$ 12) ☐ SOLIDÁRIA (R$ 15)

FORMA DE PAGAMENTO

☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ BANRISUL ○ BESC ○ BANESPA
○ CEF AG. ________ CONTA ________
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF) ________

TRIMESTRAL	SEMESTRAL	ANUAL
☐ (R$ 36)	☐ (R$ 72)	☐ (R$ 144)
☐ SOLIDÁRIA: R$ ______	☐ SOLIDÁRIA: R$ ______	☐ SOLIDÁRIA: R$ ______

FORMA DE PAGAMENTO

☐ CHEQUE *
☐ CARTÃO VISA Nº ________ VAL. ________
☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ NOSSA CAIXA ○ BANRISUL ○ BESC
○ BANESPA ○ CEF AG. ________ CONTA ________
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF) ________
☐ BOLETO

PSTU.org.br

ACOMPANHE A RETA FINAL DA CAMPANHA

NELE VOCÊ PODERÁ CONFERIR:

- Relação dos candidatos;
- Notícias da grande imprensa sobre a campanha;
- Vídeos e galerias de fotos;
- Artigos e reportagens.

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1° andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cicero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1° andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CENTRO Rua Vigário Bartolomeu, n° 281-B

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves n°6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186* *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

A IMPORTÂNCIA DAS CANDIDATURAS SOCIALISTAS

Essas eleições impressionam por duas questões. Por um lado, uma frieza muito grande, sem comícios, passeatas ou atos. Por outro, a dimensão da anunciada vitória governista.

O governo Lula vai garantindo assim, provavelmente, mais um estelionato eleitoral, semelhante ao realizado por FHC em 1998. Naquele momento, o candidato do PSDB ganhou as eleições já no início de uma crise que não foi sentida pelos trabalhadores antes da votação, mas que logo depois explodiu.

As candidaturas identificadas com o PSTU têm, neste momento, uma tarefa clara: explicar pacientemente essa situação para os trabalhadores e estudantes. Temos a paciência de dialogar com a grande massa que ainda acredita em Lula e está prestes a votar, mais uma vez, nos candidatos governistas.

QUEREMOS SEU APOIO

Buscamos o apoio dos trabalhadores e estudantes conscientes. Não temos nenhum receio de pedir seu voto. É preciso que a esquerda que realmente defende as posições socialistas tenha peso nessas eleições. Cada voto nos candidatos do PSTU é, desta forma, um duplo ponto de apoio.

Em primeiro lugar, é um ponto de apoio para as lutas concretas dos trabalhadores e estudantes. Nós utilizamos nossa campanha eleitoral a serviço das lutas salariais de metalúrgicos, operários da construção civil, bancários, petroleiros, professores, trabalhadores dos correios, motoristas e outras categorias em todo o país. Abrimos nosso espaço na TV para os sindicatos, ajudamos a convocar as assembléias e apoiamos suas greves. Nossos candidatos em todo o país são dirigentes sindicais identificados com essas lutas.

Em segundo lugar, cada voto é um apoio a um programa socialista. Um programa que, caso não fossem nossas candidaturas, estaria ausente da campanha eleitoral em boa parte do país.

ELES MENTEM...

O que predomina nessa campanha são candidatos com um programa de partidos de direita, sejam de PSDB, DEM, PMDB), ou da "esquerda" (como PT ou PCdoB). A propaganda dos candidatos é idêntica, na louvação de "tantos hospitais", "quantas escolas" serão construídas.

Todos eles mentem. E mentem conscientemente. Todos sabem que o orçamento das prefeituras não possibilita fazer um décimo do que propõem. A Lei de Responsabilidade Fiscal, que todos eles aplicam, impede que haja possibilidade de realizar essas promessas para que seja possível continuar pagando a dívida externa e interna.

Todos eles sabem que a crise econômica que está vindo aí, vai se abater sobre o governo central e também sobre os municípios. Isso vai limitar ainda mais qualquer possibilidade de cumprir essas promessas eleitorais.

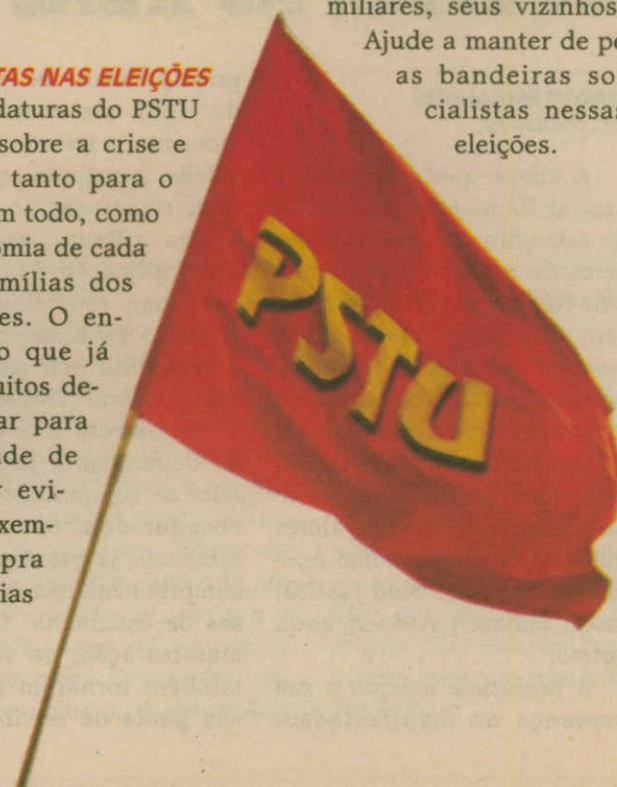
OS SOCIALISTAS NAS ELEIÇÕES

As candidaturas do PSTU vão alertar sobre a crise e seus riscos, tanto para o país como um todo, como para a economia de cada uma das famílias dos trabalhadores. O endividamento que já existe de muitos deveria apontar para a necessidade de se precaver evitando, por exemplo, a compra de mercadorias caras nesse início da crise. E vão apontar uma saída para a crise.

Nós, socialistas, defendemos um programa dos trabalhadores nessas eleições com o não pagamento das dívidas, a estatização dos bancos e o controle de capitais para enfrentar a crise. E apoiamos as lutas por salário e emprego dos trabalhadores.

Por isso você, que nos acompanha nas lutas, ajude-nos também nas eleições. O seu voto não é um voto perdido. É muito importante que os socialistas tenham seu apoio eleitoral, para manter vivas essas bandeiras. Quanto mais votos tivermos, maior peso terão essas propostas no futuro. Tudo isso será resgatado para fortalecer as ações diretas dos trabalhadores.

Não temos apoio de nenhum setor da burguesia. Orgulhamos-nos de não aceitar o dinheiro da Gerdau ou de qualquer outra empresa. Mantemos a independência financeira, o que é imprescindível para manter nossa independência política em relação a todos os setores da burguesia.

A hora é agora. Leve um pacote de "colinhas" de nossos candidatos para os seus colegas de trabalho, para seus familiares, seus vizinhos. Ajude a manter de pé as bandeiras socialistas nessas eleições.

BANCOS ENDURECEM AS NEGOCIAÇÕES POR CAUSA DA CRISE FINANCEIRA MUNDIAL

***WILSON RIBEIRO**, de São Paulo (SP)*

As negociações que vinham acontecendo entre a CUT, os banqueiros e o governo estavam caminhando tranqüilamente para um final amistoso em outubro, ou seja, um mês depois da data-base.

Com a explosão da crise nos bancos norte-americanos, os banqueiros resolveram acabar com a brincadeira e engrossaram a voz. A calmaria em que a CUT negociava se transformou num inferno.

Agora a Contraf/CUT está chamando um calendário para que todos os sindicatos façam assembléia até o dia 29. Ainda não marcaram a data da greve, mas, pelo menos, estão falando nela.

Isso deverá animar os bancários e fortalecer um processo de lutas para arrancar dos bancos e do governo uma conquista para valer.

SEM ASSEMBLÉIAS

A CUT de hoje não tem nada a ver com a organização dos bancários. Pelo contrário. Ela desorganiza e enfraquece o movimento para ter o controle sobre a categoria.

As assembléias sempre foram muito importantes para organizar e escolher os rumos da categoria. Depois de 2003, quando os bancários começaram a desmascarar os sindicalistas da CUT, os grandes sindicatos do país passaram a fazer poucas assembléias e resolver quase tudo apenas em reunião de diretoria.

O Sindicato dos Bancários de São Paulo, o maior do país, não faz assembléia desde o início de julho. Já estamos no final de setembro, mês da data-base da categoria, e não houve uma assembléia sequer.

A falta de democracia é um fator de enfraquecimento do movimento, mas é também a demonstração de que o sindicalismo da CUT não é mais capaz de convencer os trabalhadores e se vê obrigado a apelar para manobras de pelegos.

Cabe à categoria se organizar em seus locais de trabalho e passar por cima desses dirigentes da CUT, pois só assim se poderá conseguir uma vitória na campanha salarial.

DIA NACIONAL DE LUTA DOS BANCÁRIOS

Depois de muita enrolação entre a CUT e os banqueiros, começou a haver campanha e saiu até um calendário que aponta a mobilização para o final de setembro.

Nesse calendário está previsto um dia nacional de luta no dia 25 e assembléias até o dia 29. Os grandes sindicatos do país, que estão filiados à CUT, não apresentaram o que farão nesse dia de lutas. Nem chamaram assembléia ainda.

Já os sindicatos ligados ao Movimento Nacional da Oposição Bancária (MNOB), ligado à Conlutas, estão chamando assembléia e marcando o dia de luta com paralisações.

PARTICIPAR DAS ASSEMBLÉIAS

Depois de muita pressão das bases cobrando a campanha salarial, e depois de os banqueiros endurecerem nas negociações, a Contraf/CUT resolveu "sair da toca" e apresentou um calendário que prevê assembléias até o dia 29.

O MNOB defendia um calendário que apontava assembléias para o dia 23 e greve a partir do dia 24. Infelizmente, a força majoritária no movimento demonstrou seu método de manobras para não realizar a luta ainda na data-base, tentando empurrar a campanha para outubro.

Agora, com as assembléias que vão acontecer pelo país, é hora de a categoria se rebelar e fortalecer a participação nas assembléias para tomar a luta em suas próprias mãos. Não dá para deixar que os sindicatos da CUT dirijam o movimento porque eles vão querer controlar o processo e limitá-lo para não perder as rédeas e para, ao final, fechar um acordo rebaixado.

A categoria tem agora a oportunidade de votar a greve antes de o mês acabar. Para isso tem que se organizar e estar presente nas assembléias para garantir que seus interesses serão preservados. Cada vez que os sindicalistas tentarem enganar é preciso que todos se rebelem e votem contra as manobras da turma da CUT, mantendo a luta até a vitória.

O Movimento Nacional de Oposição Bancária defenderá nas assembléias do dia 29 a greve por tempo indeterminado a partir de 30 de setembro.

SERVIDORES ESTADUAIS EM LUTA OCUPAM AS RUAS DO RIO

***MÁRCIO MAGALHÃES**, da Conlutas-RJ*

A chuva que caiu sobre a capital fluminense no dia 16 de setembro não impediu que cerca de mil servidores estaduais fossem às ruas e realizassem uma passeata em plena avenida Rio Branco, uma das principais vias do centro do Rio de Janeiro. A vitoriosa passeata foi convocada pela Conlutas-RJ e pelas entidades que representam o conjunto dos servidores públicos estaduais, como Apefaetec, Sepe-RJ, Sind-Justiça, Iaserj, Sinfazerj, Asduerj, entre outras.

A juventude marcou a sua presença na manifestação, principalmente os estudantes da UERJ que ocupam, até o momento, a reitoria da universidade. A ocupação é pela imediata construção do bandejão, contra o Reuni, assim como pela aplicação dos recursos conforme estabelece a Constituição Estadual, o que não é cumprido pelo governador Sérgio Cabral (PMDB).

A passeata teve o objetivo de denunciar à população a falta de compromisso do governador com os servidores estaduais, já que o mesmo não cumpriu nenhuma das promessas de campanha. Durante a manifestação, os servidores também tornaram pública a sua pauta de reivindicações: reajuste de 66% para recompor as perdas acumuladas nos últimos anos, data-base unificada garantida na lei, incorporação das gratificações, PCCS para todo o funcionalismo, não às fundações no serviço público, realização imediata de concursos públicos e contra o fechamento do Iaserj.

DESTAQUES

Dois momentos da caminhada merecem ser destacados. O primeiro ocorreu no meio de seu percurso, quando uma coluna do MST, que realizava um ato em frente à sede administrativa do governo estadual, acabou se juntando à passeata. Um importante passo para a realização de atos públicos unificados entre os trabalhadores do campo e da cidade.

Já o segundo momento ocorreu, sem dúvida, no encerramento na sede da Petrobras, onde os petroleiros iniciavam uma vigília em defesa de uma Petrobras 100% nacional e pelo monopólio estatal sobre a produção nos campos de petróleo da região do pré-sal, para garantir uma empresa a serviço, realmente, dos trabalhadores.

O ato dos servidores estaduais contou ainda com a presença de entidades dos servidores federais, como o Sintuff, e da oposição dos Correios, além de trabalhadores da iniciativa privada, representados pelo Sindicato dos Comerciários de Nova Iguaçu e Regiões. Com esse final, a manifestação comprovou que, mais do que necessária, é possível a unidade dos trabalhadores para combater os sucessivos ataques dos patrões e governos.

Apenas a unidade na luta garantirá à classe trabalhadora e ao povo aumento de salário, reposição de perdas, redução e congelamento nos preços dos alimentos e o fim da criminalização da pobreza e dos movimentos sociais. Essa união permitirá também a ampliação de seus direitos e, principalmente, imporá uma histórica vitória sobre governos, banqueiros, multinacionais e latifundiários.

Qual o tamanho da crise financeira e econômica?

DIEGO CRUZ, da redação

Os últimos dias foram de pânico para os mercados financeiros. A quebradeira de grandes e tradicionais bancos de investimentos dos EUA provocou quedas históricas nas ações negociadas nas bolsas em todo o planeta. O governo norte-americano interveio fortemente nos mercados a fim de salvar banqueiros e investidores.

No início de setembro, revelou-se a situação de penúria de bancos centenários os EUA.

O governo Bush anunciou uma ajuda bilionária às companhias Fannie Mae e Freddie Mac. Ambas atuam no mercado de crédito imobiliário e estavam à beira da falência. Em seguida, outro grande banco, o Lehman Brothers, entrou em agonia. Desta vez, o governo norte-americano limitou-se a pressionar para que outros bancos e instituições financeiras ajudassem. Não deu certo e o banco quebrou. A falência desatou uma queda em cascata nas bolsas e o governo Bush radicalizou sua política de "estatização" do mercado financeiro.

O Fed (banco central norte-americano) anunciou então a compra da maior parte da AIG, a maior seguradora do mundo, que passava por sérias dificuldades. A ajuda, de US$ 85 bilhões, não foi suficiente para acalmar os investidores.

A Casa Branca divulgou, no último dia 19, um mega-plano de ajuda ao combalido mercado. O projeto, que ainda deve passar pelo congresso, prevê um gasto de US$ 700 bilhões para salvar as instituições financeiras da bancarrota. O pacote daria poder ao secretário do Tesouro para comprar "papéis podres", ou seja, ações de instituições à beira da falência. É a maior intervenção econômica do Estado na história do capitalismo.

Estima-se que o total do dinheiro colocado pelo governo Bush para acalmar o mercado supere ao total gasto na Guerra do Iraque. Setembro inaugurou mais um capítulo da crise financeira que abalou o mundo em 2007. Analistas são unânimes em classificar essa crise como a mais profunda desde a grande crise de 1929. A opinião corrente também dá conta que estamos apenas no começo e que muita coisa ainda virá.

O pacote de ajuda do governo Bush, embora tenha levado certo alívio aos mercados, contém apenas temporariamente a crise. Ao contrário do que é amplamente noticiada pela mídia, tal crise não tem origem no mercado financeiro. Ela é apenas expressão de uma crise econômica clássica de superprodução. E é o prenúncio de uma recessão que já atinge os EUA e que deve se alastrar pelo resto do mundo no próximo período, podendo assumir uma gravidade bem superior a de 2000-2001.

Como funcionam os ciclos e as crises capitalistas?

EDUARDO ALMEIDA, da Direção Nacional do PSTU

A crise atual é parte do funcionamento cíclico do capitalismo. Ele alterna períodos de expansão e retração. Depois dessa crise, existirá expansão e uma nova crise. Se depender do capitalismo, viveremos sempre assim. Não existe capitalismo sem crises.

Por outro lado, essa não será tampouco a "crise final", como afirmam certas correntes catastrofistas, ainda que ocorra uma depressão semelhante ou ainda pior que a de 1929. A derrubada do capitalismo dependerá da evolução da luta de classes. Se o proletariado não conseguir resolver, a seu favor, as crises políticas que surgem a partir das crises econômicas, o capitalismo retomará um novo período de expansão.

COMO SURGEM AS CRISES?

O capitalista tem seu lucro após o ciclo de produção e venda das mercadorias. Os trabalhadores usam as máquinas para transformar matérias-primas em novos produtos que são vendidos: as mercadorias. Assim, os trabalhadores criam valores.

Marx divide o capital em "constante" e "variável". "Capital constante" é o investimento em máquinas e matérias-primas. O "capital variável" é o gasto com os salários. A taxa de "mais-valia" é a relação entre o que foi investido nos salários e a totalidade do valor produzido.

O lucro do capitalista vem da parte do valor produzido pelos trabalhadores que não lhes foi pago por meio dos salários. É o trabalho não pago (mais-valia), embolsado pela burguesia. Já a taxa de lucros é a relação entre a mais-valia e o capital total envolvido na produção. Esse é o objetivo essencial do capitalista. O retorno aumentado do investimento realizado.

Como tem que enfrentar a concorrência, o capitalista aumenta o investimento em máquinas e matérias-primas, para produzir mais e baratear seus produtos.

Isso tende a elevar os lucros da empresa em um primeiro momento. Mas amplia também a proporção do capital constante (máquinas e matérias-primas) sobre o capital variável (salários). Com isso, a taxa de lucro (mais valia/capital investido) tende a cair. Essa é a explicação dada por Marx para a "queda tendencial da taxa de lucro" no capitalismo.

A redução da taxa de lucro acontece porque o lucro é calculado considerando o capital total investido. Mas é apenas o capital variável que produz mais-valia e é justamente este que tende a diminuir.

COMO DETER A QUEDA DA TAXA DE LUCRO?

O lucro é proporcional à quantidade de mais-valia produzida. E o capitalista substitui trabalhadores por máquinas para aumentar a produtividade do trabalho e enfrentar a concorrência. Quanto mais aumenta a produtividade, porém, maior é a tendência de queda da taxa de lucro. Só os trabalhadores é que produzem mais-valia. As máquinas não apenas tornam o trabalho humano mais rápido e eficaz.

A forma usada pelos capitalistas para reverter essa tendência à queda da taxa de lucros é principalmente o aumento da mais-valia através da exploração direta do trabalhador, com a diminuição dos salários e o aumento da jornada de trabalho.

Entra em cena, então, a luta de classes. A burguesia, muitas vezes, consegue impor derrotas sobre os trabalhadores, rebaixar salários, aumentar a carga horária. Além disso, o imperialismo saqueia os países dependentes, apropriando-se de uma parcela da mais-valia extraída dos trabalhadores destes países, através do controle de seus recursos naturais, cobrança das dívidas, etc. Essa é sempre a via buscada por eles para a saída das crises.

Mas mesmo grandes aumentos da taxa mais-valia são rapidamente consumidos e se tornam insuficientes para sustentar a taxa de lucros. Quando ela cai a ponto de afetar a massa total dos lucros, os capitalistas param de investir. Existe então uma crise de superprodução.

As crises queimam capital com o fechamento de empresas e forçam a redução dos salários, até que se possibilitem novos investimentos com custos baixos, uma nova elevação da taxa de lucros e um novo período de investimento e crescimento.

Como evoluiu a taxa de lucros?

EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

Para acompanhar os ciclos do capitalismo, é fundamental acompanhar a evolução da taxa de lucros das grandes empresas imperialistas. Em particular da indústria dos EUA, centro da economia mundial.

Fazendo um rápido resumo, durante o "boom" econômico do pós-guerra, essa taxa girou entre 15% a 20%. A crise do final dos anos 60, que marcou o fim desse período, derrubou a taxa para 8% e 9%.

O imperialismo teve então uma recuperação importante com a com a globalização e a restauração do capitalismo no Leste Europeu. Elevou a taxa de lucros para 10% (nos anos 80) e 13% (no final dos anos 90), sem chegar, porém, aos níveis do pós-guerra.

Durante a crise de 2000-2001, a taxa caiu para 6%. No período de expansão dos últimos anos, ela aumentou novamente para 12%. A crise atual se manifestou com clareza nos últimos quatro meses de 2007 quando, segundo o "The Wall Street Journal", a taxa de lucros caiu 8,4%. Foi isso que determinou o início da crise e não a evolução do mercado financeiro.

Como funciona o capital financeiro?

Existe uma enorme confusão sobre o sistema financeiro e sua relação com a crise. Setores da esquerda falam do "capitalismo especulativo", que seria mau. Isso significaria que existiria um "capitalismo bom". Mas o capitalismo é um só.

Hoje, existe uma ligação muito estreita dos departamentos financeiros das grandes indústrias e redes de comércio com a especulação. Como um dos reflexos da queda da taxa de lucros, os capitalistas deslocam cada vez mais seus lucros para a especulação, na busca de lucros maiores. Trata-se do que Marx caracterizou como o "capital fictício".

Só a produção real, no entanto, gera valor. Os ganhos do capital fictício são um jogo no qual, se alguém ganha, outro tem que perder. A especulação pode crescer da mais-valia criada pelo trabalho produtivo. Durante um período, porém, cresce como uma gigantesca "pirâmide" em que as pessoas vão ganhando enquanto conseguem adesões de outras.

Quando os ganhos no capital fictício são desproporcionais em relação ao mundo real, a pirâmide desaba. Acontece, como agora, uma crise que queima uma montanha de capital fictício e se estende à produção.

Com a globalização, este processo deu um duplo salto. Por um lado conseguiu uma enorme massa de mais-valia, ao reduzir os salários e as conquistas dos trabalhadores e impor a restauração no Leste. Com a redução das taxas de lucros, o deslocamento para a especulação financeira cresceu muito.

A "desregulamentação" imposta pela globalização levou a um completo recuo de qualquer controle estatal sobre o sistema financeiro. São as próprias instituições financeiras que controlam o mercado, como os famosos "graus de risco".

As três maiores agências classificatórias de risco (Standard & Poor, Moody's e Fitch) ganham muito para definir quem pode emprestar pra quem e a qual taxa de juros. Por exemplo, o "grau de investimento" dado para o Brasil, foi uma definição de uma agência privada de classificação de risco, a Standard & Poor's.

Ocorreu também outra mudança fundamental no funcionamento dos bancos. Antes, os bancos aceitavam depósitos e emprestavam dinheiro às empresas e a pessoas físicas. Cobravam os empréstimos que faziam com juros maiores, tirando daí seus lucros.

Hoje, isso mudou. Entrou em cena em larga escala a "securitização" ou "titularização". Os bancos transformaram as dívidas em títulos negociados no sistema financeiro. Um banco, por exemplo, transforma toda a sua carteira de hipotecas em um título que é negociado por outra instituição.

Essa terceirização das dívidas permitiu um descolamento impressionante nos últimos 30 anos do sistema financeiro. Só o mercado de derivativos (uma das formas de especulação) era, em 2006, seis vezes maior que o PIB mundial, ou seja, o valor de tudo o que foi produzido nesse ano. Nos EUA, os ativos financeiros passaram de cerca de 450% do PIB em 1980 para 1.000% em 2007.

Como surgiu a crise atual?

A crise de 2000-2001 teve uma evolução bem diferente nos países imperialistas e dependentes. A queda do PIB nos EUA foi só de 0,4% e a recessão durou menos de um ano. Na América Latina, porém, a crise teve pesadas conseqüências. A Argentina, por exemplo, perdeu parte importante de sua indústria.

Para sair da crise, os EUA aumentaram fortemente os gastos em armamentos (invasões do Iraque e Afeganistão). Também reduziu a taxa de juros e cortou os impostos das grandes empresas. Assim, conseguiu sair rapidamente da crise, mas ampliou as contradições que agora estão explodindo.

Uma das conseqüências foi a atual bolha imobiliária. Com as taxas de juros negativas, foi possível concentrar a aplicação de uma parte dos capitais especulativos e gerar um crescimento acelerado e artificial, que sustentou boa parte do crescimento dos EUA. De acordo Joseph Stiglitz "*aproximadamente 80% do aumento do emprego e quase dois terços do incremento do PIB dos EUA nos últimos anos, se originou direta o indiretamente no setor imobiliário*".

Os bancos convenciam as pessoas a terem empréstimos hipotecários baratos para comprar casas ou ainda a hipotecar sua casa e usar o dinheiro para o consumo. Tempos depois faziam outra hipoteca, por um preço maior. Assim, a construção de imóveis cresceu muito.

Os bancos transformaram todas essas dívidas em títulos que eram revendidos. Quando começaram a faltar clientes, buscaram os que não tinham garantias de pagamento dos empréstimos (os famosos "sub-prime"). Até que um dia os novos imóveis não encontraram mais compradores.

Em 2006, a venda de imóveis começou a cair e com ela desabou toda a pirâmide. O preço das casas despencou. As hipotecas caíam, enquanto o governo dos EUA voltou a elevar as taxas de juros. As pessoas já não podiam pagar as hipotecas.

Começou assim a crise atual, com uma recessão que se estendeu rapidamente a todo o setor financeiro. A quebradeira de grandes bancos nos EUA marca as diferenças da crise atual com a passada.

RECESSÃO

A indústria automobilística, principal setor da indústria dos EUA, também já está em recessão. Entre 2001 e 2005, cerca de 17 milhões de veículos foram vendidos por ano. As vendas começaram a cair em 2006 e devem chegar neste ano a 15 milhões.

O PIB nos EUA caiu 0,2 %. E nos últimos três meses de 2007, cresceu apenas 0,9% no primeiro trimestre de 2008. Voltou a crescer 3,3% no segundo trimestre (apoiado num aumento conjuntural das exportações e dos efeitos temporários da devolução de impostos à classe média). A produção industrial voltou a cair 1% em agosto, com a indústria automobilística despencando 11,9%.

A tendência recessiva se estendeu aos outros países imperialistas. A Europa teve uma queda de 0,2%. O Japão caiu 0,6%. A crise cíclica de superprodução se liga assim a uma crise financeira de proporções inéditas desde a depressão de 1929.

O Brasil será afetado pela crise?

DIEGO CRUZ e EDUARDO ALMEIDA,
da redação

Para Lula, os reflexos sobre o Brasil da crise serão "quase que imperceptíveis". O governo se esforça em fazer parecer que a crise se resume à economia dos EUA e que o país estaria "blindado".

Essa propaganda tem o objetivo hoje de capitalizar eleitoralmente o atual crescimento econômico. Mas a propaganda está apoiada em uma realidade sensível para os trabalhadores: o ciclo de crescimento possibilitou a implantação de fábricas em várias regiões do país.

Isso significou um crescimento no emprego que, ao lado de pequenas migalhas como o Bolsa Família, sustentam a atual popularidade do governo. Mas o país estará mesmo protegido da crise?

MAIS FRÁGIL

Lula e seus ministros dizem que as "reservas internacionais" do país (cerca de US$ 200 bilhões) colocam o Brasil numa situação confortável. No entanto, tais reservas podem se reduzir a pó num piscar de olhos.

Os capitais especulativos - aqueles de curto prazo que podem sair a qualquer momento do país - representavam 46% dos investimentos estrangeiros em 2005. Em 2007 já eram 54%.

Segundo a "Folha de São Paulo", "*os estoques de investimentos estrangeiros especulativos no Brasil equivalem hoje a cerca de três vezes o tamanho das reservas em dólares no BC, segundo os últimos dados (...) existem quase US$ 3 em capitais especulativos que podem sair a qualquer momento para cada US$ 1 em reservas. No momento em que esses investidores decidem tirar grandes volumes de dinheiro do país, como na semana passada, há forte pressão sobre o real, que tende a perder valor*".

O mercado financeiro aqui, assim como no resto do mundo, está totalmente integrado e dependente dos EUA.

SOB O CONTROLE DAS MULTINACIONAIS

Não é apenas o mercado financeiro, porém, que está hoje mais exposto. Grande parte da produção é voltada aos produtos primários para a exportação (commodities). O setor representava 45% da indústria em 2006. As exportações eram a parte mais importante no balanço comercial do país, ou seja, na conta de tudo o que pais compra e vende.

Um dos reflexos da crise é a redução do preço das commodities. Seja pelo estouro da bolha que inflacionou os preços nos últimos anos, ou pela inevitável redução da demanda com o agravamento da crise. Um dos maiores compradores do aço e demais minérios produzidos no Brasil, por exemplo, é a China, que produz e exporta para os EUA. Com a recessão que se abate sobre o império a produção diminuirá drasticamente.

O superávit comercial brasileiro já está caindo rapidamente. No primeiro semestre de 2008 caiu 45%. Já se fala na possibilidade de um déficit comercial em 2009.

Isso contribui para o aumento do chamado "déficit nas contas correntes", ou seja, a soma de todos os valores que entram e saem do país (veja o gráfico). Estima-se que em 2008 o Brasil feche as contas com um saldo negativo de U$ 30 bilhões. Tal prejuízo ocorre pelo aumento das remessas de lucros das multinacionais aqui instaladas, diminuição do superávit comercial e a fuga de capitais.

CONSEQÜÊNCIAS GRAVES PARA OS TRABALHADORES

A economia do país ainda cresce. Isso provoca a sensação de que a crise não vai passar por aqui. Mas, a dependência da nossa economia vai fazer que a crise afete diretamente a vida da grande maioria da população.

Em algum momento, a indústria automobilística brasileira vai entrar em crise. Isso depois de tantas fábricas montadas no país. A produção e a venda de agosto já podem sinalizar isso. Por um lado os propagandistas do governo podem dizer que foi o melhor agosto da história da indústria, em comparação com o ano de 2007. Mas, por outro, em relação com julho houve queda na produção de 1% e queda nas vendas de 15,1%. Será apenas uma "acomodação do mercado" como dizem as montadoras? Ou o início de uma desaceleração?

A burguesia e os políticos sabem que a crise virá. Em todas as negociações salariais deste ano os empresários dizem que não podem conceder um reajuste maior devido à crise que se avizinha. Já os políticos, em plena campanha eleitoral, fazem promessas que não irão cumprir.

Mais quais as conseqüências para o Brasil de uma crise que só aparece agora nos jornais? Para tentar atrair investimentos estrangeiros o governo vai impor juros exorbitantes, aumentar a dívida pública e um arrocho ainda maior no orçamento.

Esse é o plano do governo para a crise. Afeta diretamente serviços públicos essenciais, como saúde e educação. O crédito para as empresas vai ficar mais caro, significando menos empregos. Já o crédito ao consumidor vai ficar mais escasso e os juros vão subir.

Hoje, grande parte das famílias já está endividada, em particular com o crédito consignado. Com a inflação no último período, atingindo principalmente os mais pobres, a inadimplência já subiu mais de 6%. Com a alta dos juros, isso tende a aumentar ainda mais.

Para os trabalhadores, a recessão vai significar inflação, desemprego, achatamento dos salários e deterioração dos serviços públicos. O governo Lula, como os outros que o antecederam, vai jogar a crise nas costas dos trabalhadores.

UM PROGRAMA DOS TRABALHADORES PARA COMBATER DESDE JÁ A CRISE

O governo Lula semeia ilusões quando afirma que a crise não vai atingir o Brasil. Tanto o governo quanto os principais candidatos dessas eleições mentem quando prometem mundos e fundos sem mexer na política econômica. É um verdadeiro estelionato eleitoral.

A verdade é que, mantendo a atual política, a crise vai pegar em cheio os trabalhadores. Precisamos desde já impor um programa para impedir que, mais uma vez, a grande maioria da população arque com os efeitos de uma crise econômica.

É necessário estatizar o sistema financeiro e colocá-lo a serviço da população. Ou seja, impedir a fuga de capitais especulativos e as remessas de lucros ao exterior, que representam um verdadeiro roubo das riquezas produzidas pelos trabalhadores no país.

É preciso uma reforma agrária radical que entregue as terras aos camponeses e exproprie as grandes empresas do agronegócio.

Da mesma forma, é preciso romper já com o pagamento da dívida pública, investindo maciçamente em saúde, educação. O não pagamento dessa dívida pode financiar um plano de obras públicas que enfrente o déficit habitacional com a construção de casas populares e acabe com o desemprego.

Para combater a inflação, é necessário aumentar os salários, congelar os preços e impor um gatilho salarial, ou seja, o aumento automático dos salários de acordo com a inflação.

Capitalismo x socialismo: o debate ideológico revisitado

DA REDAÇÃO

Não foi só o sistema financeiro norte-americano que desmoronou nos últimos dias. Foi abaixo também toda uma ladainha neoliberal entoada há mais de duas décadas pelos defensores do grande capital. Ladainha que sustentava a "vitória do capitalismo sobre o socialismo" e sua invencibilidade.

Desde as eras Reagan e Thatcher, a maioria dos economistas, governos e jornalistas realizaram uma esmagadora campanha ideológica em prol da globalização capitalista.

Primeiro, com o desabamento da URSS, nos diziam que chegávamos ao fim da História. Em seguida, falavam da "mão invisível" do mercado, e de que ele por si só resolve muitas coisas. Repetiam como um mantra a suposta "eficiência" das empresas privadas, "muito superior às estatais", enquanto empurravam o receituário do "Consenso de Washington" pautado na desregulamentação da economia e nas privatizações. Tudo prontamente cumprido pelos governos subservientes da América Latina.

Na década de 90, as estatais foram entregues a preço de banana para multinacionais em escandalosos leilões. A exploração, o desemprego, a miséria e as diferenças entre pobres e ricos só se alargaram.

E, se o lucro é o objetivo, tudo pode ser feito para obtê-lo. O apelo do "individualismo" criou a moral do "vale tudo", cujo único propósito era ganhar o máximo de dinheiro possível a todo custo.

Falar de socialismo, luta de classes, revolução mundial, ditadura do proletariado foi considerado uma heresia para os fundamentalistas do neoliberalismo. Os marxistas revolucionários foram chamados de dinossauros. A esquerda não ficou imune a ofensiva neoliberal e foi sacudida por um vendaval oportunista. Muitos se perderam, acreditando que não havia mais saída por fora do capitalismo.

Hoje, anos depois da tão proclamada "vitória do capitalismo sobre o socialismo", a panacéia da globalização provou que não era capaz de resolver os mais básicos problemas da humanidade. O capitalismo não é invencível.

Comprometido com o livre mercado, o imperialismo norte-americano está em contradição com seu próprio discurso neoliberal. O governo Bush interveio na crise nacionalizando boa parte do sistema financeiro dos EUA ao custo de trilhões de dólares.

Na verdade, a "mão invisível do mercado" nunca existiu. A não intervenção do Estado na economia é apenas um mito defendido pelos economistas burgueses. Não existe uma economia em que o Estado não tenha que se fazer presente. Antes, ajudando os capitalistas a concentrar capitais, agora salvando as empresas falidas. É o velho método de socialização dos prejuízos, após a farra privada dos lucros fáceis. A conta será cobrada dos trabalhadores norte-americanos e dos povos da América Latina.

O neoliberalismo só tem como resultado a manutenção dos países subdesenvolvidos na condição de pobres e subordinados às nações ricas.

A crise no coração do sistema capitalista abre, entretanto, uma nova oportunidade para mostrar para milhões de que o socialismo é a única saída diante da exploração capitalista que conduzirá a humanidade fatalmente a barbárie.

Hoje há um grande interesse entre os ativistas em discutir o socialismo. No início deste século as massas trabalhadoras questionaram os planos neoliberais do imperialismo que atacaram brutalmente seu nível de vida. Milhões foram às ruas. Uma onda de revoluções marcou o continente a partir de 2000, com o levante equatoriano, e depois processos revolucionários da Bolívia, na Argentina e Venezuela.

É preciso ir além do debate cotidiano das táticas e da luta imediata. No momento em que mais uma crise econômica se inicia é hora de começar um debate sobre estratégias, é necessário debater o socialismo.

Só uma revolução social, feita pelas massas trabalhadoras, poderá derrotar o capitalismo e abrir as portas para uma sociedade sem explorados nem exploradores.

Para acabar com a pobreza e a miséria, é necessário uma revolução social.

Imperialismo busca evitar uma depressão

O governo Bush já gastou aproximadamente um trilhão de dólares para salvar bancos quebrados. Com o anúncio do novo pacote de U$ 700 bilhões, a soma pode chegar a dois trilhões de dólares.

As cifras são tão fantásticas que é preciso ter algum parâmetro da realidade para comparar. O déficit fiscal dos EUA, o maior de todo o mundo, é, neste ano de U$ 407 bilhões. O salvamento dos bancos representa um gasto cinco vezes maior do que o déficit fiscal anual. Mesmo para uma economia da dimensão dos EUA, com sua capacidade de imprimir dólares, isso terá sérias conseqüências. Tanto nos cortes brutais que o governo terá que impor nos gastos sociais, como na geração de inflação.

Evidentemente o governo dos EUA (acompanhado pelos bancos centrais dos países imperialistas) tenta evitar uma crise semelhante a de 1929. Naquela época, a primeira reação do governo foi deixar correr, facilitando sua propagação.

Mas o efeito destas medidas foi completamente transitório. Durou algumas semanas ou dias, sem reverter a situação geral.

A crise nas Bolsas de todo mundo já mostram a gravidade da situação. O valor de mercado das empresas negociadas nas principais bolsas já caiu cerca de U$ 20 trilhões. Valor do PIB anual dos EUA e Japão juntos.

A crise levou o pânico ao mercado financeiro, que foi contido com o novo pacote do governo dos EUA, mas não resolvido. Existe uma paralisia no crédito interbancário, na medida em que existem temores de outras quebras. E isto dificulta a evolução do conjunto da economia, ameaçando aprofundar a recessão pela falta de crédito.

Existe uma possibilidade de que os governos imperialistas consigam afinal conter a crise. Suas conseqüências, porém, serão mais graves que a de 2000- 2001, pela dimensão que já está tomando. Mas sua evolução ainda está em aberto.

Como toda crise se resolve com a destruição de capitais, essa deve significar falências não só nos EUA, mas nos países semi-coloniais que pagarão uma parte importante dessa fatura.

Como a economia dos EUA depende de um aporte diário de dois a três bilhões de dólares de capitais que vêm de todo o mundo, não se pode excluir a hipótese dos capitais virarem fumaça e a crise se aprofunde muito mais. Já houve uma queda brutal desse aporte para a economia norte-americano em 2008. Enquanto no primeiro trimestre tinham somado US$ 190 bilhões, no segundo foi de apenas US$ 136 bilhões.

Todas as hipóteses estão em aberto. Não se pode excluir nem mesmo uma evolução para uma depressão como a de 1929.

MORALES REALIZA ACORDO COM A ULTRADIREITA

***NERICILDA ROCHA**, de La Paz*

A onda de violência com métodos fascistas da burguesia da Meia Lua e o massacre de camponeses no departamento de Pando chocou o país e reascendeu a chama do processo revolucionário na Bolívia.

Em resposta à ofensiva reacionária, setores populares no maior bairro pobre dentro de Santa Cruz, o Plano 3000, organizaram sua autodefesa e puseram a União Juvenil Cruzenha (UJC) para correr. De Pando, Tarija e da região do Chapare (que abriga os cocaleiros) marcharam milhares de camponeses que cercaram Santa Cruz.

A condição para suspender o cerco era a devolução de todas as instituições públicas tomadas pela ultradireita. Na cidade de El Alto, onde começou a rebelião de outubro de 2003, a juventude se organizou e realizou grandes manifestações.

Nessa última semana também ocorreram duas importantes marchas exigindo julgamento e prisão do prefeito de Pando, Leopoldo Fernandez. Uma delas reuniu juventude, trabalhadores e "gremiales" (pequenos vendedores) de El Alto, que marcharam pelo centro de La Paz. A outra foi uma marcha nacional convocada pela COB (Central Operária Boliviana) que contou com forte presença da juventude. No mesmo dia ocorreram marchas em Cochabamba e Oruro (onde estão parte dos mineiros de Huanuni).

Em Cochabamba, junto aos camponeses, marcharam dois mil mineiros cooperativistas que diziam: *"hoje somos dois mil, mas se necessitarmos ir a Santa Cruz, seremos 70 mil pela unidade de nosso país"*. A Federação Nacional de Mineiros da Bolívia (FSTMB) declarou-se em estado de emergência e anunciou: *"não permitiremos que se repitam massacres contra camponeses"*. Na universidade pública de La Paz, ocorreram assembléias e uma marcha até o presídio de São Pedro, onde está detido o prefeito de Pando e mais 11 acusados pelo massacre.

Foram realizadas também várias manifestações populares exigindo a punição dos responsáveis pelo massacre. O governo propõe julgamento ao governador Leopoldo Fernandez e outros acusados, já que essa é uma forte exigência dos movimentos sociais. Mas os governadores opositores e a Corte Nacional de Justiça estão querendo evitar qualquer processo. É muito difícil que os camponeses aceitem a impunidade, pois vão cobrar de Evo que o governador e o vice-governador paguem pelo massacre.

UM ORGANIZADOR DE DERROTAS

Apesar da mobilização das massas e da possibilidade de avançar no processo revolucionário e impor uma derrota à ultradireita, Evo Morales e a direção de seu partido, o MAS (Movimento ao Socialismo), cedem mais uma vez à burguesia. Os camponeses se mobilizam com disposição de enfrentar qualquer tentativa de golpe e de impedir futuros massacres, exigindo a punição dos chefes de toda a onda de violência. Mas Evo parece seguir os passos de Salvador Allende, pedindo aos trabalhadores que voltem para suas casas e que suspendam o cerco a Santa Cruz. Como se não bastasse, chama a burguesia a um acordo nacional.

A negociação está sendo discutida em Cochabamba, seguida por uma vigília de mais de dois mil camponeses, apesar dos pedidos de Evo de que a suspendam.

Os temas em discussão para o acordo são: suspensão dos bloqueios e marchas e devolução das instituições ocupadas. Em troca se decidirá quais dessas instituições seguirão sob o controle dos departamentos e quais o governo nacional controlará. Também se discute: restituição do imposto do gás (IDH, em espanhol) aos departamentos; criação de um marco legal e jurídico para os estatutos autonômicos, quer dizer, o projeto de autonomia da oligarquia. Por fim, se negociam modificações no texto da Assembléia Constituinte para que num prazo de 30 dias possa ir a um referendo constitucional.

Em essência, Evo está entregando à burguesia exatamente tudo o que ela exigia. Seu argumento é de que essa seria a única forma de pacificar o país. Mas um acordo com a burguesia vai representar mais uma vitória e o fortalecimento da oligarquia. Desse modo, Evo organiza sua própria derrota e quer arrastar o movimento de massas para a desmoralização.

ATOS EM SOLIDARIEDADE AO POVO BOLIVIANO

No dia 18 de setembro, cerca de 200 pessoas dos movimentos sindical, popular e estudantil de São Paulo realizaram um ato político em frente ao Consulado da Bolívia em apoio à luta do povo boliviano contra os ataques da ultradireita naquele país. Entre os organizadores estava a Conlutas. O cônsul da Bolívia, Jaime Valdivia, participou do ato.

No Rio de Janeiro, o ato foi realizado no dia 19, em frente ao consulado boliviano. Estiveram presentes a Casa das Américas, Morena Círculos Bolivarianos, Comitê da Palestina, Conlutas, MST, CMP, Movimento dos Sem-Teto, PCB, PSOL e PSTU.

A COB NÃO DEVE APOIAR PACTOS ENTRE GOVERNO E ULTRADIREITA

A questão de fundo desse e certamente de outros conflitos é a luta pela terra e pelo controle sobre a segunda maior reserva de gás natural da América do Sul. Uma vitória dos camponeses que lutam pelo direito à terra exige expropriação dos grandes latifúndios que estão nas mãos dos representantes dos comitês cívicos, empresários e dos prefeitos da ultradireita.

Para que o gás e o petróleo ajudem o desenvolvimento do país e estejam a serviço das necessidades do povo pobre, é necessária uma verdadeira nacionalização, sob o controle dos trabalhadores. É necessário nacionalizar todas as mineradoras privadas e garantir emprego e melhores salários.

Para ir a fundo nessas tarefas, os trabalhadores bolivianos e camponeses devem confiar apenas em suas próprias forças. Isto é, manter a mais absoluta independência política frente ao governo Morales, que está impondo um caminho inverso, de buscar um acordo com a ultradireita.

Infelizmente essa não tem sido a postura da COB. Sem consultar sindicatos e federações, a direção deu seu apoio ao governo de Evo e assinou o denominado "Pacto de Unidade". Esse pacto não é uma unidade de ação contra a ultradireita, que poderia ser justa, desde que mantivesse a independência política. Não se definiu nenhum plano de lutas, de mobilizações concretas. Esse pacto é um apoio ao governo Evo em sua política de capitulação.

Concordamos com Guido Mitma, secretário executivo da combativa Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros, que recusou tal pacto e disse que a direção da COB compromete a independência política dos trabalhadores. *"Para nós, isto (o pacto da COB com Morales) é um tema político e os trabalhadores não devem se prestar a isto. De princípio refutamos a atuação do colega Pedro Montes (principal dirigente da COB), que de maneira inorgânica assinou um pacto com o oficialismo"*, afirmou.

É preciso que a COB mantenha sua independência e não apóie os acordos do governo e que encabece uma frente única operária e camponesa, como uma alternativa de esquerda ao governo Evo, para mobilizar os trabalhadores. Ou se avança para isso, ou avançará a burguesia com seus métodos fascistas.

BREVE HISTÓRIA DA CORRENTE TROTSKISTA MORENISTA NO BRASIL

BERNARDO CERDEIRA,
da direção da LIT-QI

Primeiros passos: a Liga Operária

O PSTU representa sem dúvida a experiência mais importante de construção de um partido trotskista no Brasil. Sendo ainda uma organização de vanguarda, já conta com uma influência sindical e uma presença política inegáveis nos movimentos sociais do país.

Mas a construção do PSTU não começou com a fundação do partido, em 1994. Desde a década de 70, diversas organizações que reivindicaram as posições da corrente trotskista identificada internacionalmente com o PST argentino e depois com o MAS, cujo fundador e principal dirigente foi Nahuel Moreno, foram responsáveis por colocar as bases políticas, programáticas e organizativas sobre as quais se apoiou o PSTU para desenvolver-se nestes seus 14 anos de existência.

Nesta edição do Opinião, começamos uma série de artigos que pretende ser um breve resumo da história da corrente morenista no Brasil, relacionando-a com a da corrente internacional que hoje se organiza na Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI). Sendo apenas uma apresentação, procuramos retirar qualquer pretensão de obra acadêmica e não cansar o leitor com infinitas referências e citações.

Nosso enfoque é o de trabalho para militantes. Entender a história da assim chamada corrente trotskista "morenista" no Brasil é fundamental não só para os jovens revolucionários ou para os que aderiram há pouco ao PSTU e querem conhecer nossas origens. Também é muito importante para todos – desde os militantes mais antigos, que viveram parte dessa história, até os simpatizantes e amigos de nosso partido – que queiram extrair conclusões e lições desse passado para ajudar a construir o partido revolucionário do presente.

Para os revolucionários, comemorar os 70 anos da fundação da Quarta Internacional significa principalmente renovar nosso compromisso por reconstruí-la e entender nossa história para fortalecer a ação revolucionária atual.

O nascimento da corrente morenista no Brasil ocorre em meio à situação revolucionária aberta com o Maio de 68 na França e com a influência da Revolução Cubana na América Latina dos anos 60.

No fim dos anos 60, o aumento da luta de classes mundial provocado pelo Maio francês se manifestou na América Latina nas grandes mobilizações estudantis no Brasil e no México em 1968, nas insurreições da Argentina, das quais a principal foi o Cordobazo em 69, nas lutas que levaram ao poder o governo Torres na Bolívia e no ascenso revolucionário depois da eleição do governo da Unidade Popular de Allende no Chile em 1970.

Em todas essas situações pré-revolucionárias ou diretamente revolucionárias, surgiu uma vanguarda de dezenas de milhares de operários e estudantes que buscavam uma alternativa política revolucionária às políticas reformistas e aos métodos burocráticos dos partidos comunistas de linha soviética.

Ao mesmo tempo, influenciados pela Revolução Cubana, centenas de grupos de esquerda aderiam às teses da guerrilha, rural ou urbana, ou mesmo do "foco guerrilheiro". No Brasil toda uma geração que nasceu das mobilizações estudantis e das greves de Osasco e Contagem aderiu à luta armada contra o regime militar.

O resultado desse embate contra o aparelho militar da ditadura é bem conhecido: sem levar em conta uma correlação de forças totalmente desfavorável e baseando-se em uma ação separada da classe operária e das massas em geral, todos esses grupos foram destruídos e alguns milhares de quadros e militantes valorosos perderam a vida ou passaram anos na prisão. Na Argentina, esse grave erro político se transformou em uma tragédia quando o regime militar assassino praticou um verdadeiro genocídio não só contra as organizações que aderiram à luta armada, mas contra a vanguarda operária e estudantil em geral.

A onda "guerrilheirista" também atingiu em cheio a Quarta Internacional (Secretariado Unificado), a organização mais forte do movimento trotskista naquela época. Orientados pela direção majoritária, pequeno-burguesa e impressionista, de Ernest Mandel, Lívio Maitan e outros, que capitulava à orientação "guerrilheirista" da direção castrista e guevarista, muitas seções nacionais do SU – especialmente o ERP na Argentina e o POR (González) na Bolívia – aderiram à luta armada e foram destruídas, levando à morte centenas de militantes.

Um setor minoritário da Quarta, encabeçado pelo SWP norte-americano e pelo PST argentino, dirigido por Nahuel Moreno, se opôs e lutou contra esse desvio vanguardista, agrupando-se primeiro na Tendência Leninista-Trotskista (TLT), logo transformada em Fração (FLT).

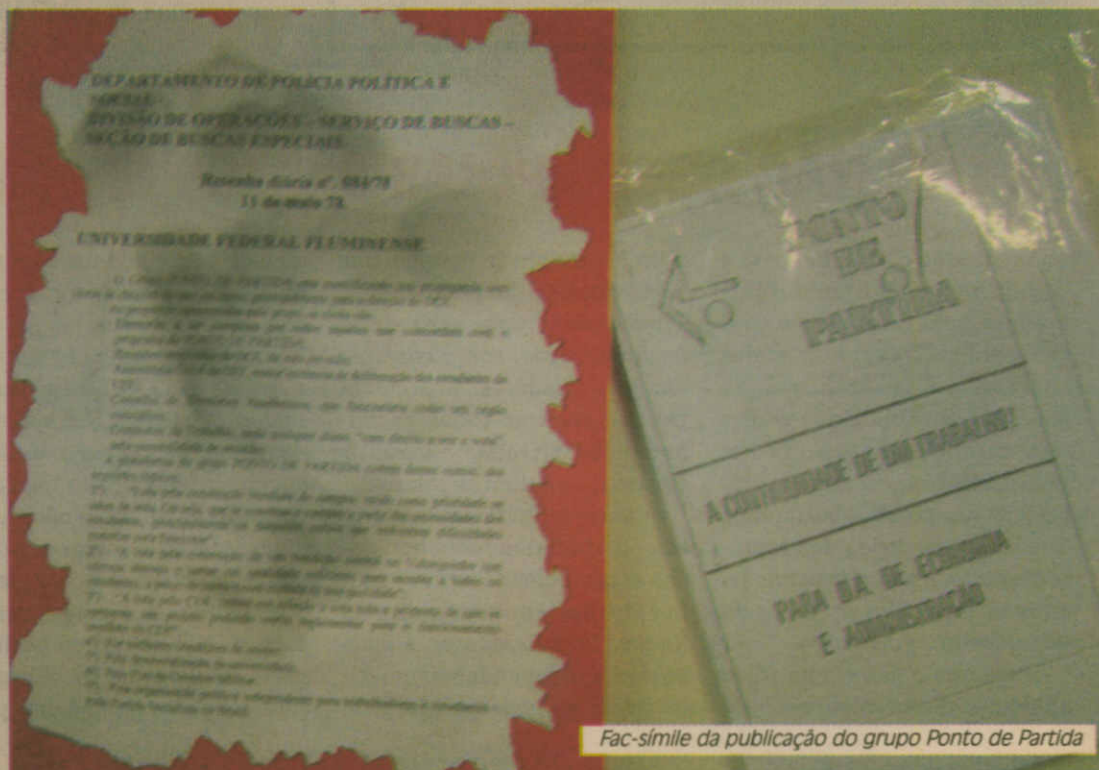
A FLT defendia a estratégia de construir partidos bolcheviques em todos os países, com forte inserção na classe operária para mobilizá-la e dirigi-la na luta pela tomada do poder no momento em que uma situação revolucionária abrisse essa possibilidade.

A vitória eleitoral da Unidade Popular e o começo do governo do socialista Salvador Allende em 1970 colocaram definitivamente o Chile como o centro da luta de classes na América Latina. Para ali se dirigiram dirigentes do PST argentino com o objetivo de participar da revolução que se abria. Milhares de exilados brasileiros e de outros países da América Latina, que fugiam da brutal repressão dos regimes militares do continente, fizeram o mesmo.

Entre os exilados brasileiros estavam Jorge Pinheiro e Maria José Lourenço – ex-militantes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), ex-dirigentes estudantis do CA de Comunicações da Universidade Federal do Rio de Janeiro e jornalistas do jornal alternativo "O Sol" –, Ênio Bucchioni, ex-militante da AP, e Túlio Quintiliano, ex-militante do PCBR.

Por meio de Mário Pedrosa (importante intelectual brasileiro e ex-militante trotskista) e Hugo Blanco (dirigente peruano), também exilados no Chile, e de Peter Camejo (dirigente do Socialist Workers Party dos Estados Unidos), os militantes brasileiros entraram em contato com a Quarta Internacional e formaram o grupo Ponto de Partida.

Hugo Blanco e Peter Camejo eram membros da FLT e o grupo Ponto de Partida se identifica desde o princípio com a crítica da Fração ao desvio guerrilheirista e vanguardista da esquerda latino-americana e do SU. Essas posições críticas se expressam no documento "A propósito de um seqüestro" escrito pelo Ponto de Partida em 1971 e publicado pela Revista de América em 1972, um dos primeiros trabalhos (senão o primeiro) de crítica aos métodos e ao caminho da luta armada no Brasil. Um verdadeiro escândalo num momento em que era um tabu criticar os grupos guerrilheiros entre a esquerda.

No entanto, sem a perspectiva de construir um partido no Brasil, já que seus membros eram procurados pelos órgãos de repressão, e sem unidade para atuar no Chile, o grupo Ponto de Partida não avança e termina se dispersando.

Fac-símile da publicação do grupo Ponto de Partida

Em setembro de 1973 o golpe de Pinochet no Chile derruba o governo Allende e reprime violentamente o movimento operário. Três mil ativistas e militantes de esquerda são assassinados e milhares são presos no Estádio Nacional. Túlio Quintiliano é executado nesse local. Os integrantes do Ponto de Partida têm diferentes destinos. Ênio é preso, consegue exilar-se na França e depois vai para Portugal. Zezé, Jorge e Waldo Mermelstein conseguem escapar e vão para a Argentina, buscando apoio do PST.

A Liga Operária foi fundada em dezembro de 1973 em Buenos Aires por Jorge Pinheiro, Maria José Lourenço, Waldo Mermelstein e Valderez. A LO defendia o mesmo que o PST argentino e a FLT. Desde sua fundação posicionava-se contra o desvio "guerrilheirista" que atingia inclusive o movimento trotskista e que abandonava a construção do partido revolucionário.

Reivindicava a tradição leninista e trotskista de que os revolucionários têm apenas duas estratégias permanentes: a mobilização das massas para a tomada do poder pela classe operária e a construção do partido revolucionário que possa dirigir a classe até a conquista do poder de Estado. Com essa perspectiva, começam a preparar sua volta ao Brasil.

A LIGA OPERÁRIA NO BRASIL

Em 1974 os integrantes da Liga Operária começaram a retornar ao Brasil e a construir clandestinamente a organização. Desde o princípio, orientados por nossa corrente internacional, os fundadores da Liga se preocuparam com duas orientações fundamentais. A primeira era colocar-se no movimento democrático contra a ditadura, cuja vanguarda era o movimento estudantil. Começavam as primeiras manifestações estudantis contra a ditadura, como a missa por Alexandre Vanucchi Leme, estudante da USP assassinado pelos órgãos de repressão. A Liga participa ativamente do Comitê em Defesa dos Presos Políticos, formado em 1974 para lutar contra uma recente onda de prisões.

A outra orientação central era buscar sempre dar um sentido de independência de classe à participação dos trabalhadores nas mobilizações democráticas. Do ponto de vista desse segundo aspecto de sua política, não é por acaso que o jornal da Liga, uma publicação artesanal impressa em mimeógrafo, se chamasse Independência Operária, nem que a organização buscasse desde o princípio abrir um pequeno trabalho operário no ABC paulista.

Essa política consciente viria a encontrar mais tarde o que seria o primeiro grande desafio da história da jovem organização: as prisões dos militantes do ABC.

Do ponto de vista da sua construção, a Liga se caracterizou por um acerto tático fundamental: concentrar suas minúsculas forças militantes no movimento estudantil universitário. Seu objetivo era duplo: estimular a luta estudantil e batalhar para reconstruir seus organismos representativos (CA's, DCE's, UEE's e UNE) que haviam sido destruídos pela ditadura e, por outro lado, ganhar jovens ativistas e acumular quadros para construir o partido revolucionário no movimento operário.

Com essa política de construção partidária e uma orientação ousada, a Liga cresce rapidamente. Começa atuando em uma faculdade independente, a Sociologia e Política em São Paulo, e logo está em três universidades: a PUC e a USP em SP e a UFF em Niterói. Em agosto de 1975, a Liga tem cerca de 50 militantes e, em março de 1976, abre trabalhos universitários na Unicamp em Campinas e na Universidade Federal de São Carlos e comemora o seu centésimo militante, o companheiro Celso Brambilla, ex-presidente do DCE da Federal de São Carlos, que neste mesmo ano seria um dos primeiros estudantes a ir para o ABC trabalhar em fábrica.

Durante esse ano, os militantes da LO dirigiam o DCE da Ufscar, participavam do DCE da UFF e eram a segunda corrente na PUC-SP e na Unicamp. A Liga propõe e participa ativamente dos primeiros encontros nacionais de estudantes, realizados em São Paulo, São Carlos e Belo Horizonte, que buscam reorganizar a União Nacional de Estudantes.

No 1º de Maio de 1977 a Liga Operária vai enfrentar o seu primeiro grande desafio. Estimulada pelo sucesso do seu primeiro trabalho operário com o boletim chamado Faísca, a direção decide realizar uma panfletagem clandestina. Por acaso os companheiros são detidos numa blitz da Polícia Civil, que se surpreende com os panfletos e os leva ao DOPS. Entre os presos estão Celso Brambilla, Márcia Basseto Paes e José Maria de Almeida, um operário metalúrgico de apenas 19 anos. Todos são torturados, principalmente Brambilla, que sai da prisão com importantes seqüelas. Os organismos de repressão tomam conhecimento pela primeira vez da existência da jovem organização.

Estudantes da PUC-RJ em 1977

As prisões foram o estopim para as primeiras mobilizações estudantis nas ruas desde 1969. Em poucos dias as mobilizações pela libertação dos presos ganham dimensão nacional, com diversos Dias Nacionais de Luta, e assumem o caráter de luta pela libertação de todos os presos políticos do país e pela Anistia. Os militantes da LO participam ativamente das mobilizações e cumprem um papel dirigente em vários lugares, por exemplo, em São Carlos.

A política da Liga foi decisiva na assembléia de estudantes da USP que desencadeou a primeira mobilização de rua. A assembléia discutia o que fazer contra as prisões e se encontrava dividida. As organizações reformistas que dirigiam o movimento tentavam frear a saída às ruas. No entanto, a Liga levou dois dirigentes operários da organização, que pediram a palavra e discursaram na assembléia pedindo ajuda para seus colegas presos. Ganharam a adesão de todos e a moção a favor da saída às ruas foi aprovada por ampla maioria.

A partir do processo de lutas e da reorganização do movimento estudantil universitário, com os encontros nacionais e a reconstrução das organizações estudantis, a Liga Operária vive um grande crescimento e chega ao final do ano de 1977 com cerca de 250 militantes. Sem dúvida, esses três primeiros anos foram essenciais para a consolidação da primeira organização da corrente trotskista morenista no Brasil.

Diário de campanha do PSTU

Ministro da Justiça discute atentado contra Frota

DIREÇÃO NACIONAL DO PSTU

No dia 17 de setembro ocorreu em Brasília uma audiência da Conlutas e outras entidades com o ministro da Justiça, Tarso Genro. O tema discutido foi a recente onda de criminalização e ataques contra a livre organização dos trabalhadores. A reunião tratou do atentado contra o candidato do PSTU à Prefeitura de Macapá (AP), o diretor sindical Joinville Frota, também presente na reunião.

A comissão relatou ao ministro o atentado e exigiu medidas concretas e imediatas para a garantia da vida do dirigente ameaçado, assim como a investigação do crime. Até agora, nenhuma medida concreta foi tomada pelas autoridades. Tarso Genro se comprometeu a contatar o governador do Amapá para discutir o assunto e agilizar os procedimentos da Polícia Federal.

Além de Frota, participaram da reunião José Maria de Almeida, um dos dirigentes da Conlutas,e o advogado Aderson Bussinger, do IDDH e da OAB do Rio de Janeiro.

A audiência foi agendada na época do ataque sofrido pelos operários da Revap em São José dos Campos (SP). A Conlutas relatou o atentado, além de outros casos de banditismo sindical. A comissão denunciou que, em vários desses casos, foi identificada a participação de policiais militares e civis, contratados como jagunços.

SÃO PAULO (SP)

Professores universitários apóiam a candidatura de Dirceu Travesso

DA REDAÇÃO

Dezenas de intelectuais paulistas lançaram uma nota apoiando a candidatura de Dirceu Travesso (PSTU), candidato a vereador em São Paulo, e Ivan Valente (PSOL), que concorre à prefeitura. Entre eles estão Francisco de Oliveira (professor de sociologia da USP), Paulo Arantes (professor de filosofia da USP), Ricardo Antunes (professor de sociologia da Unicamp), Armando Boito Jr. (professor de ciência política da Unicamp), Plínio de Arruda Sampaio Jr. (professor de economia da Unicamp), Edmundo Fernandes Dias (professor de sociologia da Unicamp), José Arbex (professor de jornalismo da PUC/SP), Henrique Carneiro (professor de história da USP), Ruy Braga (professor de sociologia da USP), Valério Arcary (professor de história do Cefet-SP) e muitos outros.

Após falar do processo de reorganização de um pólo socialista e crítico ao governo Lula, a nota afirma: "vimos publicamente manifestar nosso apoio à candidatura de Dirceu Travesso a vereador da cidade de São Paulo por reconhecermos nele um defensor do projeto de universidade pública, autônoma e democrática, uma das mais combativas lideranças sindicais nacionais e um incansável ativista dos movimentos populares".

EVENTO REÚNE APOIADORES

Um jantar para ajudar a financiar a campanha de Dirceu Travesso reuniu cerca de 150 pessoas. O evento foi realizado no último dia 20 em uma churrascaria da capital paulista. Estiveram presentes Plínio de Arruda Sampaio, dirigente do PSOL, e Ivan Valente, candidato a prefeito pela Frente de Esquerda.

SERGIO KOEI

WWW.PSTU.ORG.BR
Leia na íntegra o manifesto em apoio a Dirceu

FORTALEZA (CE)

CANDIDATO DO PSTU É PERSEGUIDO

***FÁBIO JOSÉ**, de Fortaleza (CE)*

Começou uma temporada de caça aos dirigentes e ativistas sindicais em Fortaleza. Na categoria dos rodoviários, cipeiros estão sendo demitidos a torto e a direito. Na construção civil, vários diretores sindicais estão no alvo dos patrões.

Há um processo contra o diretor do sindicato Francisco Gonzaga, em que a empresa Colméia diz que ele teria destruído um canteiro de obra durante uma greve da categoria, embora não apresente uma única prova. Gonzaga também é candidato a vice-prefeito na chapa PSTU-PSOL na cidade.

Ainda na construção civil, dois outros dirigentes sindicais estão enfrentando demissões: Nestor Bezerra e Laércio. No setor da confecção feminina também acontecem perseguições ao ativismo, como no caso da dirigente sindical Valdênia, demitida pela patronal.

Em outros setores - como vigilantes e gráficos - a política de terra arrasada do empresariado e de desrespeito à livre organização sindical também existe. A resposta do movimento sindical já começou. Alguns atos foram realizados, particularmente na confecção feminina e nos vigilantes.

A Conlutas defende uma campanha unificada dos sindicatos e oposições contra a criminalização dos movimentos sociais, contra as demissões dos diretores dos sindicatos (e cipeiros) e em defesa da autonomia e liberdade de organização sindical.

SÃO JOSE DOS CAMPOS (SP)

TONINHO VENCE DEBATE DA BAND

Na maior cidade do Vale do Paraíba, o candidato a prefeito Toninho (PSTU) aparece com 3,3% das intenções de votos na última pesquisa. No último debate da TV, no dia 18, Toninho enfrentou Carlinhos Almeida (PT) e o atual prefeito, Eduardo Cury (PSDB). Em conselho de leitores reunidos num jornal da cidade, o candidato do PSTU foi escolhido como o melhor do debate.

A campanha segue forte e pode se ampliar ainda mais. As bases são a General Motors e a ocupação do Pinheirinho, onde existe um comitê que reúne 40 ativistas. Lá são realizadas atividades todos os dias. A campanha toma as fábricas, com panfletagens nas portarias e nos ônibus que levam os operários.

Na GM destaca-se a campanha de Renatão (PSTU) para vereador. Os metalúrgicos colaram adesivos do candidato nas fábricas e nos vestiários, o que provocou a reação da GM. A empresa proibiu campanha no interior da unidade. Na semana passada os metalúrgicos paralisaram a fábrica do atual prefeito.

A campanha do PSTU também vai aos bairros da periferia e às feiras livres. Está marcada uma plenária para organizar a reta final da campanha.

FLORIANÓPOLIS (SC)

PSTU PARTICIPA DE DEBATES

O PSTU já participou de oito debates organizados por diferentes setores da sociedade. O maior foi o da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que reuniu mil pessoas.

Na cidade disputam as eleições o atual prefeito Dário Berger (PMDB), Esperidião Amin (PP), Ângela Albino (PCdoB-PDT), Nildão (PT-PV), César Souza Júnior (DEM), Afrânio (PSOL) e Joaninha (PSTU). A Frente de Esquerda formada em vários lugares do país não aconteceu em Florianópolis por responsabilidade do PSOL, que não respeitou o peso social do PSTU na cidade. Não analisou, assim, a necessidade de uma oposição de esquerda para organizar um terceiro campo, contra o governo Lula e a oposição de direita. Felizmente muitos percebem a importância do PSTU nos debates. Militantes do próprio PSOL e do PCdoB cumprimentam os candidatos do partido após os eventos, dizendo que a candidatura do PSTU faz a diferença.